

Ives Gandra da Silva Martins

Os três sonetos aqui publicados foram escolhidos ao acaso dentre os 100 do livro *Cem sonetos*, recém-lançado pela *Adriana Florense, Escritório de Arte*, de autoria de Ives Gandra da Silva Martins. Ilustre e renomado jurista, membro das melhores sociedades culturais brasileiras, presidente de muitas delas, professor de Direito, escritor de tratados de Direito, juntamente com suas múltiplas atividades é poeta do mais alto nível. Não surpreende: a família é de grandes, imensos virtuosos. Ives é irmão de João Carlos Martins. O pai, aos 102 anos, lançara livros de poesia. *Cem sonetos* precisa ser lido de capa a capa, até para que se admirem as ilustrações de Adriana Florense, artista plástica de fina sensibilidade.

Poesias existencialistas, sintéticas e conclusivas, com ritmo, com rimas de puro talento e muita verve o tempo todo. Uma preciosidade literária.

G. A. P.

O Temporal do Tempo

O temporal do tempo temperado,
Descortinando sonho e maresia,
Faz-se espaço do espaço despassado,
Que a tela do horizonte mal desfia.

O olhar, que não penetro, desafia
Meu soneto de amor descompassado.
Certeza tão incerta cada dia,
No mundo que descubro de meu lado.

Não sei do que saber e para que,
Nem sei se você sabe o que já sei
Eu sei o que se sabe e o que se vê,

Pelo caminho simples de tal lei.
E não me importa, pois quero você,
Vocação de palhaço e não de rei.

Teu Olhar

Teu olhar perfurou o meu sorriso,
Esfrangalhando o canto apocalíptico,
Com a força forjada em outro piso,
Em pintura isolada ou vista em tríptico.

Dilacerado o cerne de minha alma,
Teu olhar se espalhou na carne nua,
Sanguinolenta e estanque, em muita calma,
Como a passada vida pela lua.

Teu olhar toledano, feito espada,
Não permitiu suspiros e nem mágoa.
Derrubou meu aprumo pela escada,
Que afundava num triste mar sem água.

Teu olhar decompôs o tempo-espaço,
Que eu construíra há muito, passo a passo.

O Naufrágio

O naufrágio roubou-me o barco triste,
Silentemente, como rouba a vida.
O meu naufrágio é um mal, que mal existe,
Pois que, no fim, começa outra partida.

Anteriormente vira esta ferida,
Ferida, meu amor, que nunca viste.
Continuei capitão, que inda resiste,
Porém, sem ter sentido tal descida.

O naufrágio, portanto, foi normal.
O barco triste soçobrou por frágil,
Nas águas calmas, desfazendo em sal.

Depois, o mar voltou a ser caminho
De um outro menos triste e bem mais ágil
E o barco triste o mar deixou sozinho.

Zé Arigó e os Profetas

Renato Azevedo Júnior

O quarto em penumbra escondia minha vó agonizando. Com câncer terminal, ela era vigiada por minha mãe e tias no quarto em que nós, crianças, não podíamos entrar. Ficávamos escutando atrás da porta os gemidos de dor e sentindo o cheiro da morte que rondava.

Numa noite, reunião de família resolveu que iríamos procurar Zé Arigó.

Zé Arigó era um médico espírita que fazia curas milagrosas e morava numa pequena cidade do interior de Minas, Congonhas do Campo.

No dia seguinte, eu, meu pai e tio saímos de carro em direção a Congonhas. Foi durante a viagem que, pela primeira vez, ouvi sobre eles. Em Congonhas, estavam as 12 estátuas dos Profetas, feitas em pedra-sabão pelo Aleijadinho, um escultor sem mãos que amarrava as ferramentas nos punhos.

Chegamos à cidade de madrugada, e, como só iríamos ao curandeiro à tarde, meu pai decidiu ver os Profetas. Fomos a pé até a pequena igreja que abraçava as imagens. Estava frio e com neblina. Subimos ruas de pedra sem fim e, de repente, no alto de uma colina, eu os vi pela primeira vez. A majestade dos Profetas, que me olhavam do alto, cada qual empunhando livros com verdades bíblicas, apontando a outra mão para o céu e advertindo-me sobre meus pecados, causou-me medo, espanto, reverência. Tive vontade de cair de joelhos e confessar todos meus pecados, pedindo perdão. Cada estátua, em tamanho natural sobre pedestais, parecia tomar vida e falar, com voz tonitruante, lições sobre nossa existência na Terra, nosso futuro e ressurreição. O dedo apontando para o céu parecia dizer “obedece ao que está escrito e irás para o Paraíso”.

Voltamos ao hotel calados.

À tarde, fomos ver o Zé Arigó. Imensa fila se formava em frente a uma casa simples e grande. Ao entrarmos, as pessoas sentavam-se em bancos de madeira, como numa igreja, porém sem altar. Na frente, apenas uma porta, de onde, a cada cinco minutos, um homem efeminado chamava os próximos a serem consultados. Não havia muitos doentes; a maioria era de parentes desesperados como nós. Havia um evidente paradoxo: as pessoas ali acreditavam em uma existência após a morte junto a Deus no Paraíso, porém agarravam-se àquela última esperança de continuidade da vida na Terra.

Ao entrarmos na sala onde estava o Zé Arigó, sentamos numa mesa em frente a ele. O homem não nos olhou. Com a mão esquerda apoiando a testa e escondendo a face, escrevia freneticamente com a mão direita em um pequeno caderno. Quando ele parou de escrever, ergueu seu rosto e fixou seu olhar em mim. Eu ouvia sua voz dentro da minha cabeça, falando coisas incompreensíveis sobre vida, morte, a luz do Paraíso e o fogo do inferno, sobre a escuridão eterna, sobre renascimento e pó: “sua vó irá viver eternamente ou morrer para sempre; a decisão é sua”. Fui acordado pelo meu pai, que me pegou pelo braço e me puxou para fora da sala quando a consulta terminou. Não havia passado cinco minutos. Meu pai e tio foram para a sala ao lado com a folha de caderno nas mãos, uma receita: naquela outra sala eram vendidos os remédios que iriam salvar minha vó. Enquanto esperava, subitamente a porta ao lado se abriu e, através de uma fresta, o próprio Zé Arigó espreitava-me com um ar terno e curioso. Rapidamente ele fechou a porta

e nunca mais o vi. Perguntei a meu pai sobre as coisas que aquele homem havia me falado e ele, olhando-me de jeito estranho, disse que durante a consulta o Zé Arigó não havia falado uma palavra, apenas escrevia no caderno, e que eu devia ter dormido e sonhado.

Voltamos ao hotel e eu, evidentemente, não conseguia dormir. Levantei-me de madrugada, subi novamente aquelas ruas pedregosas e fui visitá-los pela última vez. Os Profetas falavam comigo. Abdias anunciando minha ruína, Amós pastoreando a cobiça, Baruc vaticinando o Cristo, Daniel mandando enfrentar os leões, Ezequiel prevendo o apocalipse, Naum excomungando Nínive, Habacuc acusando Babilônia, Isaías queimando seus lábios, Jeremias chorando sobre Jerusalém, Joel clamando sobre as sete pragas, Jonas gritando no ventre da baleia, Oséias obedecendo a Deus e tomando a adúltera.

Sozinho, à noite, com a luz da lua, o vento sibilava as coisas pelas quais eu, um dia, deveria decidir em que acreditar: “tu és pó e ao pó retornarás...”, “Eu sou a vida eterna...”. Voltei correndo ao hotel, assustado, levando comigo todas as dúvidas que carrego até hoje.

A viagem de volta para São Paulo foi em silêncio, com os remédios do Zé Arigó na mala. Ao chegarmos em casa, minha mãe, chorando, nos esperava na porta.

Minha vó havia morrido.

Renato Azevedo Júnior
médico cardiologista do Hospital
Samaritano – São Paulo

Cena do filme *Paris, Texas*

A possibilidade de uma “volta”, de uma reconciliação, em casos de amor, é um assunto palpitante. Pensei nele depois de assistir ao filme *Paris, Texas*, dirigido por Wim Wenders (1984). Para quem não o assistiu, faço aqui um pequeno resumo. O personagem principal (Travis) foge de casa depois que sua mulher o abandona com seu filho pequeno. A mulher praticamente desaparece. Em crise, Travis afasta-se do filho e começa a perambular pelo mundo, meio desmemoriado. A criança fica sob a guarda de um irmão de Travis. Certo dia, os irmãos se encontram, e Travis diz que quer ir a uma cidade pequena do Texas, chamada Paris (não a capital da França), onde ele e a mulher tinham morado. O irmão compreende que estaria havendo uma melhora e percebe em Travis o desejo de modificar a sua história de amor. À certa altura do filme, Travis começa a promover o reencontro da família.

Interrompo para comentar um outro filme que trata mais ou menos do mesmo tema, ou seja, as possibilidades de reconciliações amorosas. Falo de *Casablanca*, dirigido por Michael Curtiz (1942), um dos melhores filmes produzidos até hoje. Esta película tinha tudo para dar errado. Mas o que surgiu foi uma verdadeira obra-prima, com uma Ingrid Bergman e um Humphrey Bogart iluminados.

Ingrid (Ilsa) e Bogart (Rick) tinham tido um caso, há muito tempo, em Paris. Abandonado por ela (não me recordo dos detalhes), ele vai para Casablanca (Marrocos), onde abre um “piano-bar”. Ela, depois de muito tempo, aparece neste cabaré e pede ao pianista para tocar “As time goes by” – a música *deles*. Rick aparece subitamente, o que resulta em uma cena magistral! A paixão reacende-se.

Reconciliações (Cinema e Filosofia)

José Carlos Barbuio

Entretanto, ela agora está noiva de um líder revolucionário, com quem pretende se casar. Mas insinua que abandonaria o noivo para ficar novamente com Rick. Depois de “namorarem” por um tempo, Rick rejeita a proposta de “voltarem”. Quase no fim do filme, os dois travam o seguinte diálogo:

– “Se esse avião decolar e você não estiver nele, vai lamentar – diz-lhe Rick. Talvez não agora, talvez nem hoje nem amanhã. Mas mais tarde, a vida toda.

– O nosso amor não importa?

– Sempre teremos Paris. Não o tínhamos, nós o havíamos perdido até você vir à Casablanca. Mas o recuperamos esta noite.

– Eu disse que jamais o deixaria – sorri Ilsa (Ingrid).

– E jamais me deixará”.

Nos dois filmes, os amantes (namorados etc.) *não* “reatam” seus antigos relacionamentos. Travis ajuda a ex-mulher a se aproximar do filho e atua para fazer seus destinos ficarem mais amenos. Mas a “volta” propriamente dita não acontece.

Por quê? Para responder a esta pergunta, necessitamos do socorro dos grandes pensadores. De Heráclito e Hegel, por exemplo. Eles diziam que estamos em constante transformação. Não somos hoje o que fomos ontem. Heráclito dizia: “Não entramos no mesmo rio duas vezes. O rio de ontem não é o mesmo de hoje.” Hegel, na mesma linha, dizia que nos transformamos continuamente, de acordo com os fatos e com o *tempo*. Não é sem razão que a música de *Casablanca*, “As time goes by”, significa “Com o passar do *tempo*”.

Depois da separação, Travis já não era o mesmo de quando era casado. A *família* também não, pois os fatos ocorridos nesse período “transformaram-na”. Alguém poderia argumentar que existem famílias felizes que não se separam! Sim. Mas essas famílias são felizes porque se transformam, porque se adaptam, porque se desenvolvem emocionalmente, porque não param no tempo, em comportamentos estagnados. Era o que talvez dissesse Hegel, se estivesse vivo. Talvez ele dissesse também

que a separação ocorre porque a família pára este processo de renovação. Mas, com certeza, o nosso bom amigo Hegel acrescentaria que a separação pode se constituir no início de uma *nova* fase, em que a *felicidade* encontraria melhor refúgio. Há casos de *recomeços* de grandes histórias de amor (bem-sucedidos, por sinal), mas nunca de *volta*, pois, como já dizia um outro filósofo, a “história nunca se repete”.

Outra interpretação

Com relação ao filme *Casablanca*, outros críticos têm uma segunda interpretação, diferente da mencionada anteriormente. Para eles, a personagem Rick (Bogart) talvez tivesse *optado* por manter aquele grande amor (revelado em dois soberbos momentos: em Paris e em Casablanca) *guardado profundamente em seu ser*. Ele talvez não quisesse correr o risco de que aquele amor se transformasse em rotina, caso eles “voltassem”. Ele talvez tivesse optado por manter a *qualidade* do êxtase amoroso, e não cair na tentação da comodidade e do tédio, incompatíveis com o sentimento romântico.

José Carlos Barbuio
escritor

Cena do filme *Casablanca*.

O Baile

A Juventino Rosas*

Luís Gastão Costa Carvalho Serro-Azul

Prelúdio

A imaginação desfruta vantagens em alentar sonhos – de selecionar, modificar ou interrompê-los. Imagino, pois, viver tempos não vividos.

Allegro vivace

O salão de baile dos oitocentos é esplendoroso. Brancas sedas encortinam as espaçosas janelas e vestem as mulheres nos conformes da etiqueta. O lampadário, com seus incontáveis focos de luz, ilumina cintilantemente o recinto, conquanto se reflete no soalho caveirado bem brunido. Os *click of heels* cerimoniosos dos moços trajados de preto “a rigor”, frente às damas, completam-se com discreta mesura num quase beija-mão. E os pares tomam posição. Nunca o preto e o branco teriam sido mais adequados em termos de elegância.

A magnificência desse ambiente combina com o arrebatamento geral advindo do *prestíssimo* dos sons harmônicos em modo tonal maior, pois que mentes embriagadas com doçura levam a êxtases românticos, nutrin-do as almas de expectativas. Os casais, com brilho nos olhos, sorriso nos lábios, expressam venturas em proporções que propiciam feição madura aos jovens, e mais jovem aos mais velhos. Há poesia: dança-se a valsa...

“O belo Danúbio Azul”... que maravilhou o rigoroso Johannes Brahms a ponto de lamentar não ter sido o seu autor (1867); impressionou meu pai, que passou a con-

siderá-la a música mais linda do mundo (anos 30); foi subestimada por um aprendiz de violino, ainda menino, ao achá-la “bonita, mas não bacana”; foi sinal da reviravolta das emoções (anos 50). Entretanto, eternizou-se – ouvida, ou cantarolada, até nos modestos confins.

A valsa não é somente música para dançar; ela se presta a devaneios e consegue nos transportar a quimeras. Talvez originada das populares *ländler*, lá pelos primórdios do século XIX, compreende uma introdução, não necessariamente nos seus peculiares compassos 3/4, acentuação no primeiro tempo, quatro ou cinco seções, e a coda – repetição, em diferentes ordens de tratamento, das melodias principais. No começo, eram executadas por dois violinos e guitarra, ou viola, em estalagens, teatros burgueses e cervejarias. Evoluída é tocada por orquestras com 20 ou 30 componentes, ou mais.

Tornou-se viável graças a Joseph Lanner (1801-1843) e Johann Strauss, pai (1804-1841), que lhe deram *status* social, chegando à Corte Imperial. O primeiro, de natureza plácida, produziu maravilhas como “Die Schönbrunner” e “Danças da Styria”, antidotos ao tédio; ademais, impressionou Schubert com sua arte ao violino. O último, de gênio impetuoso, viu o êxito em suas composições “Wiener Gemüths”, da alma vienense, “Melodias de Loreley no Reno” e, sobretudo, “Marcha Radetsky”, mundialmente conhecida; além disso, viajou pela Europa difundindo as suas criações.

“Convite à dança” (1819), de Carl Maria von Weber (1825-1899), foi uma real incitação às valsas sinfônicas. Dessas, por suas especiais características, sobressaíram as vienenses de Johann Strauss Jr. (1825-1899), o maior compositor de música de dança que já existiu, dada a qualidade de suas obras, elaboradas com muito bom gosto e muita técnica. Músico completo – mestre da forma –, dominava a instrumentação e a orquestração. Influenciou a sociedade à conversão ao romantismo, e Viena se tornou cheia de alegria num prazer de viver a profusão melódica que imortalizou os seus rios, bosques, bairros e palácios; bem-aventurança indescritível, particularmente antes de 1914, como fez-me crer uma velha senhora austríaca, certa vez. Expressão dessa felicidade urbana seria o fenômeno Johann Strauss Jr. e vice-versa, pois a valsa não poderia vingar numa comunidade sofrida.

Mais tarde, além de diversas excursões pelo velho continente, ele foi a Boston, onde regeu enorme orquestra e, talvez impressionado com o alarido da multidão de espectadores, (prenúncio dos shows atuais?), logo desejou regressar.

Strauss, apesar de muito requisitado para apresentações públicas, continuou compondo inclusive polcas, mazurcas, marchas e operetas, as quais evidenciaram valsas menos divulgadas, de originalidade ímpar: “Laguna”, “As mil e uma noites”, “Valsa do tesouro”, “Oh belo maio”,

* Músico, viveu 26 anos (1868-1894). Autor de “Sobre as ondas”, valsa de primeira grandeza (é o que sei sobre ele, mas suficiente para reconhecer a sua genialidade).

“Onde florescem os limoeiros”, das operetas “Uma noite em Veneza”, “Indigo e os quarenta ladrões”, “O barão cigano”, “Prinz Methusalem”, “Carnaval de Roma”, respectivamente. Ademais, pequenas jóias como “Libélula” e “Trisch-tratsch”, polcas, ou “Indigo”, marcha, não podem ser esquecidas.

Andante

Adolescente ao fim dos anos 30, veio-me o entusiasmo pelos bailes: uns organizados por senhoras da sociedade no subsolo do Trianon, sem pompas além da correção de propósitos; outros, nas casas de família, não raro comemorando algum aniversário; e, anualmente, os de formatura, de ginásio ou faculdade, bem como o da “Noite de Maio” nos salões requintados do Hotel Esplanada. Nesses últimos, à meia-noite, eram tocadas algumas das valsas mais conhecidas (“Vida de artista”, “Imperador”, “Vinho, mulheres e canto”, “Vozes da primavera”, “Bombons vienenses”), em geral sem violinos – para o meu desencanto! Em compensação, a nossa cidade primava em segurança, mesmo nas madrugadas desertas.

A sétima arte, não raro, contempla os seus aficionados com musicais inolvidáveis. Ainda menino, numa sessão da tarde do Cine Teatro Santa Helena – magnífica arquitetura que a modernidade houve “por bem demolir” –, assisti a um filme que me impressionou pela beleza das melodias nele inseridas, algo sobre “O Morcego” opereta de Strauss Jr. Anos depois, a tela do Cine Metro exibiu, na voz de Miliza Korjus, uma ficção sobre a vida do compositor, cujo melhor mérito foi difundir “Contos dos Bosques de Viena” num belo cenário campestre. Outras produções se sucederam – uma delas, feita para a televisão, foi mais verossímil acerca do encantamento vigente durante a dinastia dos Strauss.

Todavia, foi um antigo e despojado porão – o meu mais querido espaço de estudo –, que se constituiu em “poço de teatro” em que um pequeno rádio se transfigurava em orquestra durante o matutino programa de valsas.

Allegro

A glória de Johann Strauss Jr. não impedia a ascensão de seus pares. Seus dois irmãos, Joseph (1827-1870) e Eduardo (1835-1916), compuseram bem conforme a tradição de família, mas nem eles nem outros foram seus epígonos. Carl Michael Zierhrer (1843-1922) fez valsas imperecíveis, e os Schrammel,



Sonho de Valsa

Johann (1850-1893) e Joseph (1852-1895), produziram as mais belas apropriadas para conjunto de poucos instrumentos. As operetas de Franz Lehar (1870-1948) e Leo Fall (1873-1925), ulteriores, exibem qualidades próprias ainda bastante apreciadas.

Adágio

Em 3 de junho de 1889, morreu Johann Strauss Jr. Sua obra não foi considerada erudita pelos entendidos. Nenhum outro o substituiu no trono de “rei da valsa” (segundo o imperador Francisco José).

Acontecimentos íntimos familiares foram se diluindo e se apagando. A sua pessoa física não é difícil de ser lembrada: retratada, ou no Stadtpark de Viena, modelada em bronze, tocando violino, sob um arco de mármore com relevos das ninfas das águas do Danúbio (trabalho de Edmundo Hellmer, 1923). Diz-se que são coisas do passado... Porém, a sua alma em sua música é um passado sempre presente na idolatria dos vienenses; nas incontáveis gravações orquestrais, de solos, de canto; ou nas partituras disputadas por instrumentistas e por principiantes. Por outra, organizações como a Sociedade Strauss Jr. de Viena ou de Londres, mantêm-lhe a música.

O mundo dos bailes genuínos, dos sons inebriantes e das miragens românticas tem uma dívida para com Johann Strauss Jr.

Allegro no molto

Viena atual continua cenário propício à valsa. Tocam-na aos domingos à tarde, na

Kärtnerstrasse; e às noites, nos Heurigen do Grinzing, onde solos de violino ou de harmônica disfarçam a supremacia de Baco.

No Kursalon, ao ouvir a orquestra, quase empolgado tentei acompanhar os compassos da valsa, mas o meu pensamento voava e dançava nos imponentes salões do Schönbrunn, e de lá para o baile de gala da Ópera, na certa inatingíveis. Então, senti-me miúdo...

Presto

Hoje, no velho salão da bela época, divisam-se janelas nuas e vestígios dos candelabros deteriorados. Fachos de luz negra ou multicolor se projetam sobre os que bailam ou não bailam, se agitam, dão passos e saltos, oscilam, bamboleiam e se sacodem acompanhando o trejeitar dos músicos ao som de percussão, dominados pela guitarra elétrica...

Coda

Contrafeito, dou asas à lembrança: vejo sedas alvíssimas esvoaçar em rodopios e candelenciar danças que me despertam nostalgia da época na qual quisera ter vivido – sonhos de valsa por um instante dissimulam a realidade... Mas chegou a hora de interrompê-los.

Luís Gastão Costa Carvalho
Serro-Azul
médico

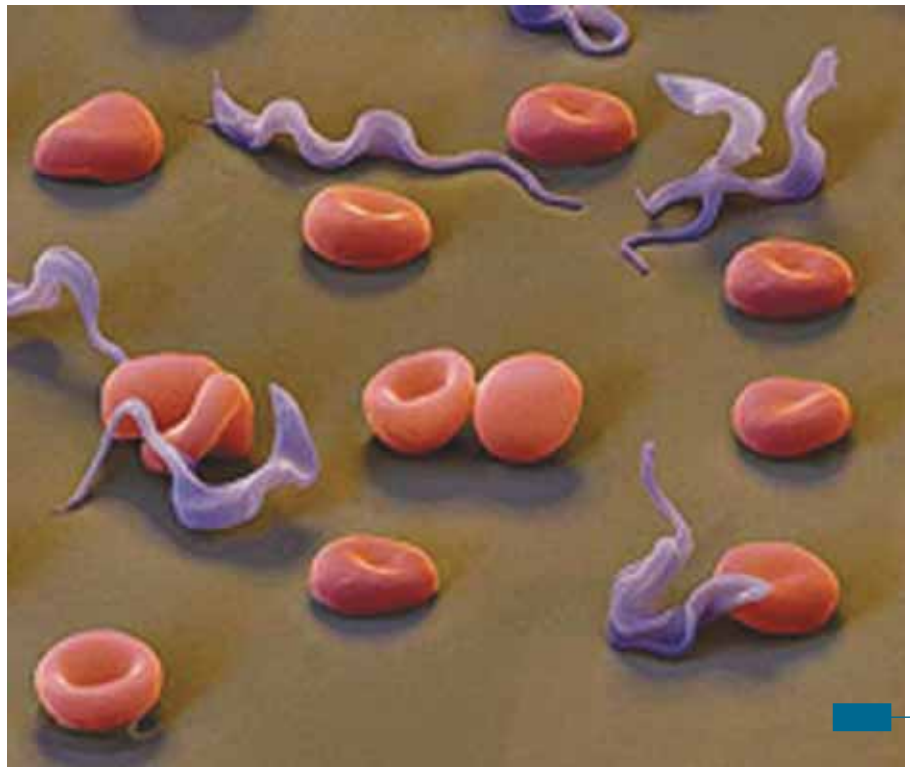
Bichos bons, bichos bestas e bichídeos

Vicente Amato Neto e Jacyr Pasternak

Quando o *doutor* tornou-se *médico*, no século passado (e isso infelizmente é verdade mesmo, não força de expressão), um seu eminente professor dizia que, em Parasitologia, existiam quatro categorias de animais, a seguir especificadas.

- Bichos bons: tipo *Entamoeba histolytica*, *Toxoplasma gondii* e *Trypanosoma cruzi*, os quais seguramente são patogênicos, geram doenças, podendo provocar até óbitos;
- Bichos bestas: são aqueles que geram doenças em algumas categorias de pacientes, mas que, em pessoas imunocompetentes e normais, raramente provocam patologias mais evidentes. Estes bichos, eventualmente, mudam de posição: com a presença cada vez maior de imunodeprimidos, pessoas infectadas pelo HIV, usuários crônicos de corticóides ou transplantados, percebe-se inicialmente, que são infecções reais nestes fragilizados e, depois, descobre-se que, às vezes, indivíduos aparentemente sadios também podem ser vítimas destes agentes;
- Bichídeos: estes quase nunca dão nada e quando são encontrados não há grandes implicações – protozoários tipo *Iodamoeba bütschilii* ou *Chilomastix mesnili* são dois bons exemplos.

Um curioso microrganismo encontrado no intestino humano é o *Blastocystis hominis*, sobre o qual existem muitas dúvidas. Primeiro, sua exata classificação zoológica – ele é um protozoário (animal), uma alga (algal) ou um



Trypanosoma cruzi, ilustrado em recurso 3D

fungo? Segundo, que diabo ele faz dentro da gente? É muito encontrado no exame parasitológico de fezes e aí surge o grave problema: o que fazer com esta informação? Tratar? E, se tratar, com o quê? Ou não dar a menor bola? Quase todos, se não a maioria, que o apresentam relatam poucos distúrbios ou sentem-se totalmente bem. E os que têm queixas, como diarreia, saram com, sem ou apesar de qualquer tratamento. Em alguns, o *Blastocystis* desaparece das fezes em seguida ao tratamento; em outros sem tratamento; e, outros, ainda continuam com ele, desaparecendo os sintomas.

O doutor tinha um colega obcecado com o raio do *Blastocystis*. Obcecado com o *Blastocystis* nele. Fazia o exame

parasitológico e ficava desesperado cada vez que, no resultado, aparecia o raio do bicho. Curiosamente, neste colega, a cronologia da doença era esquisita: ele ficava tranquilo antes do exame e ao conhecer o resultado, surgiam queixas bizarras:

– Doutor, eu sou muito e tenho sonhos estranhíssimos, em que estou no meio da Câmara dos Deputados, discursando e provando por A mais B que o Delúbio é um santo e a cúpula do PT um conclave de santíssimos cardeais, e logo começa uma gargalhada imensa que me afoga; aí acordo em pânico: será que estou acreditando mesmo nas baboseiras que estaria falando?

O doutor era uma vítima de pacientes com parasitas singulares. A

maior parte, com os tais bichídeos, sem maior significado clínico – e quase todos os implicados confortavam-se e conformavam-se com a interpretação do doutor:

– Não se preocupe, isto é mais um comensal do que um parasita. Considere-o uma coisa com a qual ou sem a qual sua vida é tal e qual.

Mas o colega estava neuroticamente fixado no *Blastocystis*, que considerava responsável não só pelos seus sonhos, mas pelas profundas dificuldades conjugais nas quais estava envolvido:

– Doutor, minha esposa foi dormir em outro quarto por causa do meu ronco, que eu tenho certeza que é devido ao malvado *Blastocystis*. E ela também não que mais... como é que eu digo...

Não dizia, mas o doutor imaginava. Como o caro colega tinha um jeito assim meio delicado, parecia-lhe ser mais um problema de opção sexual, com descoberta tardia da sua, que propriamente algo relacionado ao *Blastocystis*.

O colega tomava metronidazol pelo menos uma vez por mês. Melhorava, fazia exame de novo e lá estava o bichídeo. Aí começava tudo de novo, e o doutor estava ficando meio cheio desta história que se repetia, se repetia e, de novo, se repetia.

Um dia encontrou a esposa do pobre coitado, que estava ficando profundamente irritada e preocupada com o marido:

– Doutor, eu não agüento mais o Zebedeu, que está ficando louco e deixando-me louca. Agora está numa fase boa, acabou de tomar o metronidazol, mas não dou uma semana para ele surtar de novo.

O doutor inocentemente avisou:

– Peça para ele ser cuidadoso enquanto estiver utilizando o metronidazol, porque, se tomar álcool junto e vai sofrer reação desagradável e sentir-se muito mal.

O doutor até hoje sente dor de consciência por ter dado esta informação, pois um dia chegou ao hospital onde exerce atividades e o residente comunicou:

– Doutor, o senhor sabe do Zebedeu?

– O Zebedeu do *Blastocystis*?

– É doutor, a gente até gozava ele, chamava de Zebedeu *Blastocystis* da Silva... O Zebedeu caiu do telhado.

O doutor interrompeu:

– Não me vem de novo com a velha piada do gato que caiu do telhado.

– Não doutor, ele caiu mesmo. Parece que foi acertar a antena da TV e escorregou lá de cima. Está todo arrebentado na Ortopedia. Quebrou as quatro patas.

O doutor achou que a expressão mostrava falta de respeito, mas como o Zebedeu era ortopedista, até que não parecia tão deslocada assim.

Ele foi visitar o Zebedeu, que estava convencido de que o tombo do telhado era decorrência da infecção pelo *Blastocystis*, que teria invadido seu sistema nervoso e agido através de alguma toxina desconhecida ou de alguma outra maneira.

– Eu me encontrava despreocupado. Minha esposa tinha feito um jantar especial, serviu uísque para mim e, posteriormente, bebemos bastante vinho – e, por isso mesmo, fiz questão de ir arrumar a antena.

O doutor achou melhor avisar ao Zebedeu que se entendesse melhor com a esposa, porque senão teme por algo pior que o tombo na próxima vez...

Mãe

Austeridade

Afiz Sadi

Mulher de múltiplas facetas
Insinuante e trejeitosa
Vivaz, intransigente e reta
Traduz na face a suavidade,
U'a beleza indelével, sutil.
No olhar a firmeza pupilar.
Credulidade indescritível.
Seu coração palpita célere
Ideais são incorruptíveis
Duvida das promessas vãs
Tolera mentirinhas banais
Porém, bane os inconseqüentes.
Agride feroz com palavras,
Às malévolas insinuações.
Mulher deveras amorosa
Mãe carinhosa e despojada
Filhos no seu grande aconchego
Defende-os, guerreira imbatível.
Despoja-se dos seus pertences
E, como um bálsamo acalenta.
Suas cordoalhas se abalançam
Desnudando-se por inteiro
Na razão, porque é estrela mãe
Para todos, indefectível.



Vicente Amato Neto e
Jacyr Pasternak

médicos e professores universitários

Analogias em **medicina**

José de Souza Andrade Filho

Enxame de Abelhas e Ponto de Exclamação em “pelada”

Na alopecia areata – tipo de alopecia (pelada), com perda de cabelos ou de pêlos em áreas arredondadas ou ovais, no couro cabeludo ou na barba –, ocorre infiltrado inflamatório ao redor dos bulbos pilosos, com predomínio de linfócitos T auxiliares. Estes se apresentam frouxamente distribuídos e dispersos em torno dos bulbos pilosos, lembrando um *enxame de abelhas* (ing. *swarm of bees*). A placa da pelada é lisa e brilhante. Em sua margem, podem ser retirados pêlos que são mais largos na porção distal e afilados e descorados para o lado da raiz. São os chamados pêlos peládicos em *ponto de exclamação* (ing. *exclamation-mark hairs*), característicos para o diagnóstico. A etiologia é desconhecida, mas parece haver participação de fatores emocionais, genéticos e imunológicos. A presença de linfócitos ativados e de células de Langerhans favorece um mecanismo imunológico para esta doença.

Grande Muralha da China. Trata-se de fortificação de cerca de 6.700 km, considerada uma das grandes maravilhas do mundo, que se estende de leste a oeste pelo norte da China. Como um gigantesco dragão, atravessa desertos, florestas, planaltos e montanhas. Com uma história de 2 mil anos, atualmente está destruída em alguns pontos. Entretanto, continua sendo importante atração turística.

A poroqueratose de Mibelli é dermatose rara, hereditária, autossômica dominante, cuja lesão inicial é pápula, que, alargando-se, forma crista córnea periférica proeminente, circundando área central, normal ou atrófica. Inicia-se em qualquer idade, e as lesões localizam-se, preferencialmente, nas extremidades, face e órgãos genitais, podendo ocorrer também nas mucosas bucal e genital (Sampaio e Rivitti. *Dermatologia*. 1. ed. São Paulo: Artes Médicas, 1998). A placa circinada, com a crista periférica elevada e apresentando um sulco na sua superfície contendo material queratótico, foi comparada à Grande Muralha da China (ingl. *The Great Wall of China effect*). Este aspecto é considerado, por alguns autores, patognômico da poroqueratose de Mibelli.

Amigo-da-Onça. Segundo alguns historiadores, surgiu uma anedota muito divulgada no início do século XX sobre dois caçadores que estavam na floresta. Um deles pergunta:

- E se aparecesse uma onça agora?
- Eu dava um tiro nela.
- E se você estivesse sem arma?
- Eu usava o facão.
- E se você estivesse sem facão?
- Eu subia numa árvore.
- E se não tivesse árvore?
- Eu corria.
- E se você estivesse paralisado de medo?
- Afinal, você é meu amigo, ou amigo-da-onça?

Esta piada inspirou um jovem cartunista, o pernambucano Péricles de Andrade Maranhão, um dos talentos da imprensa brasileira. Péricles criou um personagem sem caráter, baixinho, de cabeça algo piriforme e olhos grandes, bigode cafaeste, cabelo engomado e de humor ferino: *o Amigo-da-Onça*.

O cartum Amigo-da-Onça foi publicado, principalmente, na revista *O Cruzeiro*, a partir de 1943. Tornou-se muito popular e famoso, sendo registrado nos dicionários como amigo falso e infiel.

O trofozoíto da *Giardia lamblia*, entre outras características, tem forma de pêra e dois núcleos ovóides, relativamente grandes. Os parasitologistas, patologistas e biólogos, especialmente os da “velha guarda”, logo perceberam a semelhança notável entre a expressão facial do personagem humorístico de Péricles e o trofozoíto da *Giardia*, quando visto de frente, principalmente em coloração especial. Esta comparação se transformou em preciosa “dica” para a identificação do protozoário.

José de Souza Andrade Filho.
patologista, membro da Academia Mineira de Medicina e professor de anatomia patológica da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memorian*)] – Celso Carlos de Campos Guerra
José Roberto de Souza Baratella – Rubens Sergio Góes – Rui Telles Pereira

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.